



JORGE ROQUE

TRESMALHADO



AVERNO | 2016



Tresmalhado

1

Entre o erguer e o bater do martelo, entre o martelo e o prego, ferro contra ferro, impacto, estrépito, chispa aguda, como queres que tenha um pensamento da vida, um propósito de acção, um sentido de mudança, ou simplesmente uma alegria, uma esperança, sorriso breve, espontâneo, saudade de ti, de mim, de estar vivo até. E é esta a cela. Não precisa de guardas, sistemas repressivos, ditadores. Basta-lhe a democracia, o progresso, a sociedade desenvolvida com os seus imperativos de mercado, estratégias de eficiência, multiplicadores do lucro, sem os quais não há verdadeira liberdade, respeito pelo indivíduo, direitos constitucionais, *habeas corpus*. E nas fibras retesadas dos músculos e tendões, na gelatina densa das cartilagens, nos ossos e ossículos do esqueleto a vibrar, nos tímpanos ensurdecidos, no cérebro tornado bruto, no som tornado oco, no corpo todo boneco articulado, repetição mecânica, cega, desesperada, sempre o mesmo bater, e bater, e bater, do martelo.

2

O que era preciso era mudar de vida, cancelar contas bancárias, contratos de seguro, planos de poupança, ignorar promoções, pontos, descontos em cartão, recusar tudo o que não é estritamente necessário, propriedade, acumulação, ganho, enganosa vantagem em que consumamos a escravidão, e certos enfim do que importa, reduzir despesas ao mínimo, por conseguinte os lucros da instalada empresa, perturbar o funcionamento da máquina, colocar com estratégia e rigor a adversa pedra na engrenagem. O que era preciso era cultivar batatas, couves, árvores de fruto, criar galinhas, coelhos, aprender a pescar e a caçar, em vez das habituais plantas decorativas, peixes de aquário, periquitos, alheamentos, anuências, lamentos na fila para o refeitório e discursos inflamados ao balcão. O que era preciso era não haver tanta pobreza, mesquinhez, inveja, ser-se grande no reconhecimento do pouco que sempre somos e do tanto que cada outro, cada pouco, nos pode acrescentar. Não haver, acima de tudo, tanta indiferença, tanta gente sem cara, sem olhos, sem voz, tanta gente sem pensamento, revolta, crença ou dúvida, e o mais que distingue uma vida humana a procurar-se. Mas nem isto mudaria o que quer que fosse, como bem sabes. Serias sempre tu e dois ou três tresmalhados que a grande mole absorveria. E tudo acabaria como começou, sem nada se ter passado.

3

Nunca vais encontrar mundo para ti, quero dizer, mundo em que o teu mundo faça sentido. O teu horizonte é este cerco, o teu chão este passo em falso, na falha, na falta, no erro em que fundaste a vida toda e, teimoso nato, voltarias a fazê-lo. Muitas vezes gritaste que era o país, este arrabalde sem lei colonizado por manhosos especializados, cobardes astutos, zelosos empreendedores da mediocridade a metro, da venalidade a crédito, da grandeza e do sucesso meticulosamente traficados. Muitas vezes gritaste que eram os laboriosos ratos, subterrâneos, diligentes, os despidorados servidores da oportunidade e do medo, comandados, claro está, pelos inescrutáveis senhores, assessorados pelos aspirantes a senhores e os requerentes a aspirantes, todos da mesma raça ignóbil. Mas não é o país, nem os laboriosos ratos, nem os inescrutáveis senhores, aspirantes, requerentes, é o mundo todo, é a humana raça na sua obstinada mediana, e em sentido inverso tu, no teu idealismo e nas tuas quimeras. Este o problema, reconhece. O prego na carne, o muro na porta, a amarra no gesto. Que pregas, que escoras, que apertas. Se fosses esperto, deixa-me que te diga, perceberias que não é sequer problema porque, precisamente, não tem solução. Escolhe outro caminho, estúpido. Um qualquer, esse não é.



ÍNDICE





<i>O salto</i>	7
Uma vontade inultrapassável	9
Leis da humana física	15
Tresmalhado	19
Salmo dos novos velhos liberais	23
Certificados de aforro	25
Coelho no tacho	27
Carreira de tiro	29
Queen Margarete	35
Marioneta	39
Ida e volta	41
Inferno	45
Flash	53